

32º Encontro Anual da ANPOCS

GT 18 – Elites e Instituições Políticas

Profissionalismo e Poder Local: os Rosado e a imprensa em Mossoró/RN

Lerisson Christian Nascimento

## **Resumo**

Analizamos a profissionalização de jornalistas e sua relação com o desenvolvimento da nova imagem da elite política de Mossoró/RN. Esse processo ocorre a partir do fim dos anos 1990, mas observamos que a elite política local, a família Rosado, está no poder desde os anos 1940. Realizamos 17 entrevistas semi-estruturadas na cidade, entre 2007/2008, com empresários do setor, repórteres, editores e colunistas. A imprensa local, a partir de sua ligação com a elite política, contribui na criação dessa nova imagem praticada pelas lideranças políticas. Um dos elementos para tanto é o surgimento do discurso do profissionalismo na imprensa. Isso contribui na criação de uma imagem mais “democrática” da elite política local. A profissionalização não está ligada somente ao fortalecimento de um grupo ocupacional, mas também à construção de uma imagem mais moderna de uma oligarquia.

## **1 – Introdução**

O foco da presente pesquisa está em compreender a relação entre profissionalismo e poder local em Mossoró/RN por meio da análise do processo de profissionalização do jornalismo local. Procuramos delinear as características internas dessa ocupação que sofre alterações significativas no final da década de 1990 e início do ano 2000 nessa cidade.

Procuramos fazer um estudo de caso e advogamos que, em tese, ele é suficientemente explicativo, pois retrata um processo que ocorre em quase todo o interior do Brasil, principalmente nas cidades pólo do interior. Trata-se da modernização impulsionada pelo contato cada vez maior dessas localidades com novas tecnologias e novas formas de comportamento no mundo do trabalho e na ligação com o mundo via trabalho.

Isso levanta novas questões, novos conflitos ou novas interpretações desses conflitos por parte dos envolvidos diretamente ou daqueles que tentam compreendê-los. Mostramos que houve uma interpretação ou re-interpretação do profissionalismo de acordo com as características locais em consonância com as influências externas e internas.

Isso levanta novas questões, novos conflitos ou novas interpretações desses conflitos por parte dos envolvidos diretamente ou daqueles que tentam compreendê-los.

Houve uma interpretação ou re-interpretação do profissionalismo de acordo com as características locais em consonância com as influências externas e internas.

Para Eliot Freidson:

o profissionalismo é definido por meio das circunstâncias típico-ideais que favorecem aos trabalhadores munidos de conhecimento os recursos através dos quais eles podem controlar seu próprio trabalho, tornando-se, desse modo, aptos a aplicar aos assuntos humanos o discurso, a disciplina ou o campo particular sobre os quais tem jurisdição” (FREIDSON: 1996, p. 5)

A profissão tem relação direta com autonomia sobre uma área de atuação. Com essa preocupação, nossa pesquisa procura entender, ainda que de forma não exaustiva, um tema talvez pouco explorado na sociologia das profissões: a relação entre profissionalismo e poder local.

Como profissionais, especificamente os jornalistas, praticam cotidianamente sua ocupação num espaço em que sua autonomia é constantemente colocada em xeque pela política local?<sup>1</sup> Essa foi a pergunta que surgiu durante as entrevistas desenvolvidas com jornalistas em Mossoró e a partir da leitura de pesquisas sobre a prática política local. Tentamos mostrar de que maneira as lideranças políticas e a idéia de profissionalismo se relacionam em Mossoró, estudando o caso dos jornalistas que trabalham na cidade.

Localizada há mais de 250 km da capital do estado, Natal, Mossoró tem em torno de 230 mil habitantes<sup>2</sup>. É o centro econômico e político do interior, um município pólo que concentra vários serviços na área financeira, de saúde, educação e demais serviços públicos. Por causa disso, atende também parte do interior, dos vizinhos estados da Paraíba e Ceará. Por ser um importante centro regional, concentra os principais órgãos de comunicação do interior: rádios, revistas, jornais diários e semanais, canais locais de TV aberta e TV a cabo.

Até o fim dos anos 1990, o jornalismo impresso contava com dois jornais diários, **O Mossoroense** e **Gazeta do Oeste**. Hoje, existem quatro, com o surgimento

---

<sup>1</sup> Não queremos dizer aqui que, na grande mídia, esse processo de pressão política sobre a autonomia dos jornalistas não aconteça, mas que talvez se operacionalize de uma forma diferente da de Mossoró por causa das características diferentes dessas empresas.

<sup>2</sup> Segundo dados do IBGE <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

do **Jornal De Fato** e do **Correio da Tarde**. Houve a criação de uma TV a cabo, a **TV Cabo Mossoró (TCM)**, e a abertura de uma TV aberta local, a **TV Mossoró**, ambas com programação produzida em Mossoró. Além disso, ocorreram a criação de revistas e jornais semanais e a modernização do radialismo local. Todas essas mudanças provocaram transformações na forma de se fazer jornalismo e praticar cotidianamente a profissão de jornalista na cidade<sup>3</sup>.

Com a criação de novos órgãos de imprensa, surgem novos postos de trabalho no setor e uma maior concorrência entre esses veículos<sup>4</sup> também passa a existir. Tais fatores, associados ao surgimento do primeiro curso de Comunicação Social<sup>5</sup> da cidade, que tende a colocar mais profissionais graduados no mercado, provoca uma maior disputa pelas vagas na estrutura ocupacional.

Mas essas mudanças não são apenas técnicas e não correspondem tão somente a mudanças na estrutura ocupacional. Esse fenômeno, que chamamos de profissionalização, relaciona-se ainda com as características políticas da cidade. O discurso do profissionalismo no jornalismo local surgido nesse período se mescla com as características de uma história política marcada pelo domínio de uma oligarquia, os Rosado, que governa o executivo municipal desde a década de 1940.

No total, entrevistamos 17 pessoas que estão, de uma forma ou de outra, envolvidas com a imprensa da cidade. Repórteres, editores, empresários do setor, colunistas, etc. As entrevistas foram realizadas entre janeiro e julho de 2007 e janeiro de 2008, em Mossoró. Optamos pela forma semi-estruturada com a seguinte ordem: origem familiar; formação escolar; trajetória profissional; descrição das atividades

---

<sup>3</sup> Concentramos nossa análise nos indivíduos que atuam no jornalismo impresso. Acreditamos que podemos observar com mais clareza as mudanças pelas quais passa a imprensa local nesse grupo. No rádio, elas ainda são incipientes no sentido organizacional (não no técnico). A TV local ainda é muito recente na cidade e talvez seja fruto do resultado desse processo de transformações do mercado da comunicação local. O jornalismo televisivo local contava até 2007 apenas com a produção de uma sucursal da Inter TV Cabugi (afiliada da Rede Globo no RN). Somente a partir deste ano, a TV a cabo e a TV aberta local passaram a produzir seus próprios programas jornalísticos.

<sup>4</sup> Quando falamos em maior concorrência, não afirmamos que haja mais concorrência comercial por leitores, a partir da pressão do mercado publicitário. Ainda não há dados que justifiquem isso. Falamos de uma possível concorrência entre formas diferentes de interpretações sobre os fatos retratados ou ainda a disposição de novos espaços que possibilitem mais visibilidade de novos, ou velhos, atores políticos locais.

<sup>5</sup> Curso criado em 2003, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A primeira turma se formou em 2007. Segundo a ata de criação do curso, ele foi feito para atender às necessidades do setor de comunicação local que carecia de profissionais qualificados.

realizadas; percepção sobre o jornalismo de forma geral e o jornalismo praticado na cidade em particular; formação para a prática do jornalismo.

Ao fazer este estudo de caso, nosso objetivo é mostrar como as regras institucionais da profissão são re-interpretadas conforme as características locais. Procuramos analisar a profissionalização do jornalismo, ou antes, as formas como os jornalistas entrevistados constroem seus discursos sobre o exercício cotidiano da profissão. Para isso, consideramos dois elementos. O primeiro é “institucional”, que tem relação com a atual discussão nacional sobre a exigência do diploma, a atuação do sindicato dos jornalistas na cidade, a formação para exercer a profissão e as condições do mercado de trabalho local. O outro elemento está relacionado à política local e sua relação com a imprensa do município.

## **2 – Um quadro institucional para o jornalismo no Brasil**

Uma das características do jornalismo no Brasil é que o quadro institucional da profissão ainda não está bem definido, sendo objeto de disputas. Petrarca (2006) mostra que aconteceram duas tentativas de estabelecimento de tal quadro: o primeiro na década de 1930, durante a Era Vargas, e o segundo, no regime militar entre as décadas de 1960 e 1980.

Na Era Vargas, a institucionalização do quadro legal estava associada a uma estratégia dos intelectuais (entre eles escritores e jornalistas) de influenciar o Estado brasileiro na tentativa de “criação” de uma identidade nacional num processo de integração do país. Nesse sentido, havia uma sintonia política entre o grupo profissional e o Estado - a organização legal do grupo conferia maior poder de influência política.

No final do período militar, fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, o estabelecimento de limites jurídicos da profissão estava, ao contrário, ligado a uma posição de confronto com o Estado. A profissionalização foi vista como uma estratégia de combate à ditadura (ABREU: 2003).

Para Abreu (2003), a profissionalização poderia ser pensada como estratégia política já que o estabelecimento de uma autonomia sobre determinada área de atuação poderia ser vista como um recurso para a ação política autônoma. A profissionalização,

assim, teria permitido formas de engajamento político em uma conjuntura de pouca liberdade.

Nesse período, segundo a autora, com o desenvolvimento da Indústria Cultural no país, há uma ampliação das demandas do mercado surgindo diferenciações no próprio espaço de trabalho. Isso impulsionou a organização do próprio espaço, limitando a concorrência com a exigência do diploma universitário para exercer a profissão.

O Decreto-Lei nº 972 de 17 de outubro de 1969 (NEVES: 2000) foi a última lei promulgada sobre a definição da profissão de jornalista no Brasil. Esse decreto tornou obrigatório o diploma em curso superior de jornalismo e regulamentou a profissão, codificando as regras de conduta dos jornalistas.

Tal processo impulsionou um movimento de mudança no tipo de treinamento vocacional da profissão. Analisando a formação de jornalistas que atualmente ocupam cargos de direção ou prestígio na “grande imprensa” e que iniciaram suas carreiras nas décadas de 1970 e 1980, Abreu (2003) afirma que há um aumento no número daqueles que concluíram cursos superiores em jornalismo em relação àqueles que concluíram outros cursos ou não concluíram nenhum curso superior. Na geração anterior, a do pós-guerra, o número dos que concluíram jornalismo era bem menor, seja porque ainda não havia muitas escolas de jornalismo ou porque o diploma ainda não era considerado elemento importante.

No entanto, esse decreto tem sido objeto de disputas judiciais por parte de grupos favoráveis à obrigatoriedade e aqueles que são contra. Em 2001, uma decisão judicial tornou não-obrigatório o diploma. Até agora não há entendimento jurídico sobre esse ponto, que significa um embate pela definição das fronteiras da profissão.

A indefinição acerca da obrigatoriedade do diploma também afeta a imprensa de Mossoró. Até 2003, a cidade não dispunha de curso de jornalismo e o diploma não era obrigatório para o jornalista local. Para efeito de regularização profissional, bastava-lhe o registro precário, concedido mediante comprovação de que se trabalhava desempenhando as funções de jornalista, designadas no Decreto-Lei nº 972. Com a criação do curso de Comunicação Social na cidade, pela Universidade do

Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e com as indefinições sobre a obrigatoriedade ou não do diploma, a questão da formação em um curso superior em jornalismo passou a ter peso na imprensa local.

Outro elemento “institucional” que deve ser levado em consideração no caso é a atuação do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Norte (Sindjorn). Nas entrevistas, o sindicato aparece como inoperante na cidade, com pouca força de mobilização junto à categoria e junto aos empresários do setor.

Essa indefinição das fronteiras da profissão, juntamente com a pouca atuação organizada da mesma, torna-a mais vulnerável a influências de outros setores da sociedade, como a economia e a política, que passam a ditar as regras dentro na esfera profissional.

### **3 – Profissionalismo: uma forma de relação com a sociedade via trabalho**

Procuramos compreender como jornalistas vivenciam o seu trabalho e a forma como eles se relacionam com o mundo por meio dele. Isso acontece a partir da noção de profissionalismo, que é entendida aqui como uma das formas de comportamento no mundo do trabalho e na relação dos indivíduos com a sociedade via trabalho.

O profissionalismo pode ser uma justificativa para atuação política, a exemplo dos ministros do Supremo Tribunal Federal que usam a “ideologia do profissionalismo” para legitimar suas decisões (OLIVEIRA: 2002). Ou pode servir para construção de uma identidade ocupacional, baseada na vivência do profissionalismo, que faz com que um grupo de trabalhadores possa ganhar poder e ser valorizado, diante dos clientes e dos “concorrentes”, como no caso dos enfermeiros do Programa Saúde da Família do interior da Paraíba (ARAÚJO: 2002).

O *profissionalismo* está ligado a uma *expertise* – assim como o desenvolvimento de uma ética e de um *ethos* profissional – e as formas pelas quais os indivíduos possuidores desses conhecimentos especializados criam, a partir de suas redes de relações, mecanismos que possibilitem o monopólio da prática profissional (FREIDSON: 1996).

No pensamento de Eliot Freidson, a organização profissional procura se fortalecer frente ao mercado, ao Estado e a sociedade com o objetivo de garantir para si o monopólio sobre uma área de atuação no mundo do trabalho, conseguindo recompensas financeiras e simbólicas (status).

No Brasil, o termo profissão está mais ligado a diferenciação entre trabalho urbano (profissional) e trabalho rural (BONELLI: 1993). No entanto, cremos que, com a complexificação do sistema profissional brasileiro, as disputas jurisdicionais sobre áreas de atuação levam cada vez mais os grupos ocupacionais a adotarem estratégias de fortalecimento de suas fronteiras<sup>6</sup>.

A despeito do fato do uso de estratégias de fortalecimento de grupos profissionais, a noção de profissionalização vem carregada de um sentido de modernização. Juntamente com a idéia corrente de uma prestação de serviços à sociedade, essa noção de profissionalismo traz consigo a de desenvolvimento, modernização. É assim que pensadores como Weber e Durkheim concebem o fenômeno profissional na sociedade moderna<sup>7</sup>.

É assim que o modelo de profissão, ou tipo-ideal, desenvolvido por Freidson é visto aqui. Para ele, os elementos principais do profissionalismo são: a) a produção de saber abstrato, com monopólio sobre uma área especializada do conhecimento; b) a autonomia profissional para realizar diagnósticos; c) o controle do mercado por meio do credenciamento; d) obtenção das credenciais no ensino superior. As profissões são ocupações nas quais se desenvolve um tipo de trabalho especializado e nas quais há uma especialização criteriosa teoricamente fundamentada.

Os grupos ocupacionais que procuram se fortalecer buscam se adequar a esse modelo assim como ele também remete a modernização de um grupo ocupacional e conseqüentemente de suas práticas e de sua relação com a sociedade.

---

<sup>6</sup> Como mostra Venuto (1999) em relação à astrologia como campo profissional em formação.

<sup>7</sup> Dubar (apud RODRIGUES: 2002) mostra que as profissões eram vistas por autores como Durkheim, Weber e Parsons como uma continuidade das atividades comunitárias, ligadas aos ofícios. Essa relação dos homens com seu trabalho, baseada numa matriz comunitária, daria sentido ao trabalho, provocando uma integração positiva entre eles, proporcionada quando essas relações estivessem sob a batuta do mercado em vez de uma negativa.



Estudando-se o jornalismo em Mossoró a partir dos pressupostos acima, permite a constatação de que esse campo profissional vive, nos últimos anos, um processo de mudança, que se caracteriza em termos gerais da seguinte maneira: a) alterações no método de controle vocacional, de *ofício* para *profissão*; b) transformações no mercado da imprensa local, com a criação de novos órgãos de comunicação e modernização das técnicas do fazer jornalístico, resultando na passagem de uma prática amadora para uma profissional; c) acirramento, no país, das discussões sobre a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, que ganha contornos locais mais expressivos a partir da criação, em 2003, do primeiro curso de Comunicação Social na cidade.

Tais elementos associados às características políticas locais fizeram surgir em Mossoró, sobretudo a partir dos anos 2000, o discurso da ideologia do profissionalismo<sup>8</sup> no jornalismo. É por meio dele que os jornalistas locais expressam sua relação com a sociedade e, notadamente, a forma como se relacionam com a política local.

#### **4 – Imprensa e Política em Mossoró/RN**

Um dos elementos que mais fortemente influenciam o jornalismo em Mossoró é a dinâmica política local. Mais do que o mercado da comunicação na cidade, é o elemento que mais influenciou o processo de mudança da imprensa do município nos anos 1990.

A bibliografia analisada<sup>9</sup> sobre a política local em Mossoró enfatiza a permanência no poder da oligarquia dos Rosado, que domina o executivo local desde 1948. Revela as estratégias usadas para sua consolidação como única força política local. Essas estratégias estão ligadas às práticas coronelísticas, clientelísticas e mandonistas.

Tais análises enfatizam o uso do imaginário local como estratégia de consolidação do poder da família, que é usado para construir a imagem de lideranças

---

<sup>8</sup> Freidson (2001) usa o termo ideologia do profissionalismo para designar a forma “ideal” por meio da qual um grupo profissional atua na sociedade.

<sup>9</sup> Lucas (2001), Silva (2004), Filgueira (2001), Felipe (2001), Sousa (2004), Lima (2006).

que trazem o progresso para a região. Os Rosado usaram universidades, coleções literárias (Coleção Mossoroense), festas cívicas e até mesmo o espaço urbano para a consolidação de sua força política.

Para Felipe (2001), os Rosado tinham duas características que fortaleciam sua atuação política: a boa situação financeira adquirida com o sucesso dos negócios, sobretudo da gipsita<sup>10</sup>, e a imagem de homens preparados para a política, construída a partir desse sucesso empresarial.

Até os 1980, a família formava um grupo político unido em torno de suas lideranças familiares. Depois desse período, uma cisão ocorre entre as principais lideranças. Desde então, os Rosado se “dividem” entre *lairistas/sandristas* e *rosalbistas*. Os primeiros ligados às figuras de Sandra Rosado, atualmente Deputada Federal pelo PSB, ex- prefeita e ex- deputada estadual, e Laíre Rosado, seu marido, ex-deputado federal. Os rosalbistas são ligados à Rosalba Ciarlini, casada com Carlos Augusto Rosado, atualmente senadora pelo Democratas, ex-prefeita por três vezes da cidade desde o fim dos anos 1980.

Não surgiram novos atores políticos significativos a ponto de colocar em xeque o domínio político dos Rosado. Para Felipe (2001), mesmo com o desenvolvimento econômico da região, que teve como principais setores a fruticultura irrigada voltada para exportação e a exploração de petróleo, o que levou a uma maior urbanização e desenvolvimento do comércio, isso não se refletiu no surgimento de novas lideranças políticas<sup>11</sup>. Os Rosado mantêm a estratégia de sempre estarem presentes, mostrando-se como os agentes do desenvolvimento local.

---

<sup>10</sup> “Atuando num mercado de construção em expansão na região Sudeste, tinham consumo assegurado pelas fábricas de cimento a ponto de uma empresa ser criada no Rio de Janeiro, em 1946, para cuidar da comercialização do gesso explorado nas minas de São Sebastião, antigo distrito de Mossoró. Os dados sobre o comércio de exportação de Mossoró pelo Porto de Areia Branca, no período entre 1947 e 1953, colocam o gesso como o terceiro produto em termos de valor exportado, perdendo apenas para o algodão e o sal.” (FELIPE: 2001)

<sup>11</sup> O contrário ocorreu no interior de São Paulo, como mostra Kerbauy (1992), onde houve o surgimento de novas lideranças políticas num processo de industrialização, urbanização e mudanças políticas institucionais. Em Mossoró, a estrutura de poder se manteve, apesar da urbanização e das mudanças institucionais, principalmente as administrativas. Essas são visíveis na gerência do poder público municipal e passaram a ocorrer com maior impacto na cidade no fim dos anos 1990, conforme Lima (2006), e poderiam ter trazido alterações significativas no equilíbrio de poder local.

Eles passam a usar novos discursos relacionados ao poder local, fruto de uma ressignificação desse espaço que, sobretudo a partir dos anos 1980, passa a ser visto não mais como sendo do clientelismo, do coronelismo e mandonismo. Para Costa (1996), nos últimos vinte anos, houve um processo de ressignificação, de uma imagem negativa, do atraso, da pobreza, “as estruturas do poder local passaram a espaço de possibilidades de experimentos democráticos inovadores e do exercício da cidadania ativa” (IDEM: 1996; p. 113).

A força desse discurso fica clara quando tanto esquerda como direita, no espectro político brasileiro, apropriam-se dele e termos como democratização, inversão de prioridades, gestão participativa municipal, passam a fazer parte do discurso legitimador de suas práticas políticas (COSTA: 1996).

Essa interpretação é significativa quando se analisa como o nordeste se insere nesse contexto. A pouca expressividade dos novos movimentos sociais na região e a fragilidade da sociedade civil permitiram que atores políticos que dominavam durante o regime militar continuassem no poder, mas com um discurso diferente, o discurso da participação. Isso dificultou o surgimento de outros atores políticos nesse espaço (COSTA: 1996)<sup>12</sup>.

Se não há uma mudança de fato, mas de discurso, isso aponta para a força do significado dessa nova interpretação do local. No que diz respeito ao jornalismo impresso mossoroense, constatamos que há um discurso entre os jornalistas entrevistados, assim como em projetos desenvolvidos pelos jornais<sup>13</sup> de valorização da idéia de cidadania, da promoção de uma democracia participativa, de uma valorização do local como o lugar de realização da política.

Para este estudo, três pontos são importantes dessa breve análise sobre a história política do município: a importância dada pela família Rosado ao uso de instituições de cunho “cultural” como estratégia de consolidação de domínio político; o

---

<sup>12</sup> Houve um processo de industrialização (pós-SUDENE), porém “as alterações econômicas e sociais verificadas não refletiram-se na esfera política, em que a tradição familiar e a polaridade entre famílias aprisionadora da instituição da esfera pública e constrangedora da constituição de novas identidades e alteridades políticas constituem realidade ainda hoje presente” (COSTA: 1996; p. 117).

<sup>13</sup> Notadamente o jornal *Gazeta do Oeste* conta com projetos como *Gazeta Cidadã* e *Ler Para Saber Mais*. O primeiro projeto é voltado para dar “voz” à população local e o segundo, um projeto voltado para a distribuição do jornal em escolas públicas.

processo de “ruptura” que ocorre entre as lideranças políticas da família no fim dos anos 1980; e a idéia de ressignificação do poder local associada à noção de ideologia do profissionalismo, que aparece nos discursos dos jornalistas locais quando se referem a sua prática profissional.

A estratégia de uso de instituições “culturais” levou a família a investir em meios de comunicação, inicialmente no rádio e depois em jornais diários. Já a “ruptura” levou cada ala a ter um jornal mais “simpático” às suas posições, o que possibilitou uma polarização política do jornalismo local. E o discurso do profissionalismo, aliado ao processo de crescimento e modernização da imprensa do município, aparece como uma nova forma de encarar a prática jornalística em Mossoró. No entanto, a interpretação dada pelos jornalistas disso está associada às posições nas quais os mesmos se encontram no jornalismo da cidade.

A ala ligada a Rosalba Ciarlini e seu marido, o ex-deputado federal Carlos Augusto Rosado, não contava nos anos 1990 com o apoio de nenhum jornal diário local<sup>14</sup>. A outra ala da família sempre contou, a partir dos anos 1980, com o apoio de *O Mossoroense*, uma vez que Laíre e Sandra Rosado são acionistas do jornal.

No início dos anos 2000, durante um período de crise da *Gazeta do Oeste* (até então o principal jornal da cidade), surge o *De Fato*, ligado politicamente ao grupo de Rosalba Ciarlini. O *De Fato* apostou na imagem do profissionalismo, da isenção e da objetividade como marcas distintivas de seu jornalismo em relação ao praticado na cidade.

Para ilustrar essas ligações políticas dos jornais locais com os grupos políticos, temos exemplos das coberturas eleitorais feitas pelos veículos *O Mossoroense* e *De Fato*, durante o período de campanha eleitoral para prefeito municipal em 2004<sup>15</sup>. Esses jornais polarizaram a campanha mais claramente do que a *Gazeta do Oeste*.

---

<sup>14</sup> Além de não contar com um jornal simpático a essa ala, ainda sofria com os constantes ataques do jornal mais importante de Mossoró nesse período, a *Gazeta do Oeste*, que permaneceu em “apoio” ao grupo de Laíre e Sandra Rosado.

<sup>15</sup> Matérias publicadas em *espaços informativos* mais do que opinativos, embora seja clara a editorialização das mesmas. Melo (2003) considera que podemos separar dois estilos de jornalismo: um opinativo e um descritivo/informativo. Essa distinção, para ele, corresponde a um artifício profissional e um político. Profissional no sentido de definição do espaço de atuação do jornalista que vai do dever de informar, registrar fatos, situações, etc., ao de opinar, tomar partido. Tal poder é concedido ou não pela

Há um exemplo de matéria veiculada pelo jornal *O Mossoroense* em sua editoria de Política em julho de 2004, durante a campanha para o executivo municipal.

***Coligação Mossoró melhor faz maior convenção no município***

*A coligação Mossoró Melhor venceu a disputa entre as coligações que vão disputar a prefeitura deste ano. A chapa encabeçada pela deputada estadual Larissa Rosado (PMDB), que tem o vereador Vicente Rego (PDT), como candidato a vice-prefeito, levou cerca de cinco mil pessoas ao pavilhão de eventos do Coelhão, na Avenida Presidente Dutra, na maior movimentação do dia passado.*

*A mobilização ganhou em número de pessoas e de empolgação. Os nove partidos que apóiam a coligação Mossoró Melhor fizeram uma grande festa, que contou com a presença de várias lideranças estaduais e locais.*

*Alguns momentos da convenção foram marcados. (sic) Um desses momentos foi quando o filho do candidato Vicente Rego, Ênio Rego, participou do evento. Emocionado, Ênio escreveu uma carta em nome da sua família e falando em nome do pai.*

*“O meu desejo e o desejo de toda minha família é o de que o povo de Mossoró saiba que Vicente Rego é um homem honrado, que cumpre seus compromissos e que resolveu apoiar a candidatura de Larissa porque sabe que ela é o melhor para Mossoró”, dizia o texto. “O meu pai, tenho certeza, vai estar conosco para dizer pessoalmente que quer ver Mossoró crescer e que isso só é possível com gente comprometida, como Larissa, os nossos vereadores, o povo generoso desta cidade”, comentou.*

*A convenção foi marcada também por uma grande festa cívica. Falaram todos os dirigentes dos partidos que fazem parte da coligação Mossoró Melhor. O empresário Rútilo Coelho disse que ao contrário do que estava prometendo a outra chapa, de que “daria uma surra de saias”<sup>16</sup>, do lado da coligação do PMDB e PDT não se falava em agressão. “Se existir uma surra será uma surra de idéias”, disse.*

*A banda Taba, que estava animando a convenção, teve um problema com o fornecimento de energia de seu equipamento. Mesmo assim, o povo que estava presente na convenção segurou só na batucada das charangas e na regência do cantor Ewerton Linhares. “Foi lindo, até quando há um probleminha desses, acaba dando tudo certo”, comemorou o ex-deputado Laíre Rosado, presidente do diretório municipal do PMDB.*

---

empresa que o emprega. É político, pois os meios de comunicação de massa em geral têm potencialmente uma forte influência sobre os receptores das informações.

<sup>16</sup> Referência a outra chapa que concorria à prefeitura local composta por duas mulheres: Fátima Rosado e Cláudia Regina (DEM), apoiadas pela então prefeita Rosalba Ciarlini Rosado (DEM).

A deputada federal Sandra Rosado (PMDB) protagonizou outro momento importante da convenção. Em seu discurso destacou a traição de antigos militantes do PMDB<sup>17</sup>, que se projetaram pela sigla e depois se venderam por “um prato de lentilhas”. Sandra também fez duras críticas à administração municipal, que ela considera dissociada dos interesses da população.

A convenção começou às 15h e se estendeu até às 20h. Durante todo o período de realização, o pavilhão ficou lotado. A Coligação Mossoró Melhor foi a primeira a iniciar os seus trabalhos e a última a concluí-los. Para Laíre Rosado, isso mostrou que a militância está motivada e irá para a campanha deste ano com toda a garra para vencer o pleito. (*O Mossoroense, Política 01 de jul. de 2004*)

Essa matéria, não assinada, veiculada no caderno Política, é fortemente marcada por adjetivos positivos em relação à então candidata Larissa Rosado (PMDB), pertencente a uma das alas da família. Por outro lado, veicula ainda matéria sobre a adversária na corrida eleitoral de Larissa, Fátima Rosado (DEM)<sup>18</sup>.

***Força do povo homologa, sem empolgação, chapa “puro sangue”<sup>19</sup>***

*Depois de seguidos desentendimentos, a coligação “Força do Povo” apresentou na tarde de ontem a chapa “puro sangue”, com as candidaturas da enfermeira Fátima Rosado (PFL) para prefeito e da advogada Cláudia Regina (PFL) para vice-prefeito. A escolha dos nomes foi resultado de um impasse entre as duas candidatas, que até então concorriam à condição de cabeça de chapa da coligação.*

*A convenção da coligação “Força do Povo”, realizada na quadra de esportes do colégio Pequeno Príncipe, não obteve o resultado esperado pelos organizadores. Apesar do considerável número de militantes, transportados em carros da prefeitura, o clima não foi de empolgação.*

*Durante o discurso das lideranças, os participantes mostraram-se cansados e dispersos. O resultado foi uma grande concentração na parte externa, enquanto que o centro do ginásio estava praticamente vazio, ocupado por alguns poucos portadores de bandeiras dos candidatos a vereador.*

*Estiveram presentes ao lançamento da candidatura de Fafá Rosado, que em 2000 disputou a eleição pela Unidade Popular, coligação do PMDB, cujo rompimento aconteceu em 2002, a prefeita Rosalba Ciarlini (PFL), do ex-deputado Carlos Augusto Rosado (PFL), o deputado federal Betinho Rosado (PFL), o senador José Agripino (PFL) e o deputado federal e candidato a prefeito de Natal Ney Lopes (PFL). O senador Fernando Bezerra (PTB), que até então tinha presença confirmada, não compareceu.*

*A campanha da Força do Povo tem como base de apoio, além do PFL, o PPS, PMN, PTB, PSL, PHS, PCB, PRP e PTR, que não tem representatividade na chapa majoritária, formada apenas pelo PFL<sup>20</sup>. (*O Mossoroense, Política 01 de jul. de 2004*)*

<sup>17</sup> Uma crítica à candidata, hoje prefeita Fafá Rosado (DEM), que nas eleições municipais de 2000 concorreu ao cargo de prefeita pelo PMDB, apoiada pelo casal Sandra e Laíre Rosado.

<sup>18</sup> DEM, antigo PFL.

<sup>19</sup> O termo “puro sangue” foi utilizado para mostrar que a chapa era encabeçada por candidatas do mesmo partido, na época o PFL.

Na segunda matéria, percebemos que o jornal polarizou a campanha apoiando uma candidata em detrimento de outra em textos não assinados, publicados num espaço a princípio mais informativo que opinativo.

O Jornal *De Fato* usou artifício semelhante.

### *Suspeita*

#### ***PF investiga envolvimento de Larissa em calúnia contra Fafá***

##### ***Polícia instaura inquérito para apurar participação da candidata em panfleto que vincula pefelista a denúncias do SUS***

*O juiz da 33 Zona Eleitoral, Fábio Wellington Ataíde Alves, determinou ontem à Polícia Federal a apreensão de panfletos apócrifos distribuídos em Mossoró, que tentam vincular a imagem da candidata a prefeito Fafá Rosado (Força do Povo) a denúncias de corrupção no Sistema único de Saúde (SUS). Também recomendou a instauração de inquérito pela PF para apuração do caso.*

*Os panfletos, com reprodução de matérias jornalísticas sobre supostas irregularidades no SUS, começaram a ser distribuídos na manhã de ontem. O juiz Fábio Ataíde, acatando representação da assessoria jurídica da coligação Força do Povo, identificou a intenção do material de caluniar, injuriar e difamar a candidata Fafá Rosado.*

*“Independentemente da busca a apreensão, tal panfleto poderá ser apreendido pela Polícia Federal em mão de quem o distribua, efetivada prisão em flagrante, por cometer crime de que, sabendo falsa imputação, propala ou divulga calúnia”, diz o magistrado, na sua sentença.*

*Os panfletos exploram reportagens recentemente publicadas no jornal O Mossoroense, de propriedade dos pais da candidata a prefeito Larissa Rosado (coligação Mossoró Melhor). A Polícia Federal investiga a possibilidade de envolvimento da candidata do PMDB com a distribuição do material.*

*A Polícia Federal considera a hipótese de os panfletos terem sido impressos na gráfica d’O Mossoroense e distribuídos por pessoas ligadas a Larissa Rosado, que tem Fafá Rosado como sua principal adversária na disputa da Prefeitura, conforme pesquisas de intenção de voto.*

*A intenção seria vincular a imagem da candidata da Força do Povo às denúncias de corrupção no SUS e, assim, enfraquecer sua candidatura na reta final da campanha e propiciar o avanço de Larissa Rosado, que aparece em segundo lugar na corrida sucessória deste ano.*

*Quem for flagrado distribuindo os folhetos poderá ser indiciado pela Polícia Federal por calúnia, injúria e difamação. “Na situação em apreço, faz-se possível determinar uma busca e apreensão do material indevidamente divulgado”, diz o juiz Fábio Ataíde. (De Fato, Política, 2 de out. de 2004)*

---

<sup>20</sup> Ironia da matéria em relação ao fato da coligação Força do Povo não ter na chapa majoritária a presença de outro partido que não o PFL, já que na coligação Mossoró Melhor havia o PMDB e o PDT.

Na mesma edição, o jornal publicou esta outra matéria, também não assinada.

### ***Campanha limpa e com propostas***

*A Força do Povo faz uma campanha eleitoral limpa, sem agressões e pautada nos projetos para administrar o município. Em nenhum momento, a coligação da candidata Fafá Rosado manteve, a todo tempo, o alto nível do embate político-eleitoral. (sic)*

*As agressões dos adversários foram respondidas com a apresentação de propostas sérias para Mossoró seguir no caminho do desenvolvimento. “Por uma simples razão: quem agride, não tem propostas para administrar a cidade,” pregou Fafá Rosado na campanha. A atitude da Força do Povo foi compreendida pela população, aceitando, em larga escala, segundo as pesquisas qualitativas, o nome de Fafá. “Nós optamos pelo debate, ao invés de ficar falando mal dos outros. Preferimos discutir com cada cidadão, o nosso plano de governo, sério e comprometido com o futuro de Mossoró”, reiterou Fafá. (De Fato, Política, 2 de out. de 2004)*

Os exemplos acima ilustram como a política local é retratada no jornalismo mossoroense e destacam que o mesmo é polarizado, sobretudo nesses dois jornais, entre a ala lairista/sandrística e a rosalbista da família Rosado<sup>21</sup>.

Com isso, queremos mostrar que o discurso do profissionalismo e as mudanças que ocorrem na imprensa local não são fruto apenas do crescimento de um mercado consumidor de notícias locais em Mossoró. A força desse mercado é colocada em xeque pelos próprios jornalistas. O surgimento de novos jornais – e conseqüentemente de novos postos de trabalho na área – está associado ao rearranjo das forças políticas locais que ocorrem a partir do fim dos anos 1980.

Nesse período, há a divisão da família Rosado em dois blocos e o surgimento de um novo ator político local, Walter Fonseca. Dono e colunista do *Correio da Tarde*, capitaliza sua passagem como reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), entre 1998 e 2004, para se lançar no mundo político local. Foi candidato a vice-prefeito pelo PV nas eleições de 2004 numa chapa encabeçada por Francisco José, ex-aliado da ala lairista/sandrística dos Rosado, que

---

<sup>21</sup> A mesma disputa entre as mesmas candidatas se repete nas eleições municipais de 2008. Temos percebido o mesmo sentido da polarização entre as candidatas e os respectivos jornais. Mas percebemos uma novidade no processo: o surgimento de blogs dirigidos por jornalistas locais. Essa nova ferramenta possibilitou uma personalização maior na veiculação das informações (no caso dos blogs que não são ligados aos jornais). E tem sido importantes na veiculação de informações que não circulam na imprensa tradicional local.



pregava o fim do domínio político da família na cidade. Walter teve sua campanha fortemente combatida pelo *O Mossoroense*.

Com a criação de outros jornais, ocorreu uma pluralização das fontes de informação, o que correspondeu a uma mudança no equilíbrio de poder no jornalismo local. Consideramos que foi justamente essa pluralização, conseqüência de um rearranjo das lideranças políticas da cidade, aliado a uma renovação de seu discurso político, um dos fatores que levaram às transformações na imprensa escrita de Mossoró.

## 5 – Os Jornalistas Locais

Durante a década de 1990, havia dois jornais com circulação diária na cidade. Nos anos 2000, esse número sobe para quatro, o que implica a abertura de novos espaços na estrutura ocupacional.

Dos 17 entrevistados, 10 fizeram carreira somente em Mossoró, 5 tiveram experiências profissionais fora da cidade, notadamente em Natal/RN. Desses 5, dois casos são de pessoas que saíram para estudar e depois voltaram e um é de alguém que tem ligação familiar em Mossoró. Tal fato mostra que essas pessoas, apesar de virem de fora, têm ligação com a cidade. A ocupação desses espaços não se apresentou apenas e tão somente como uma opção profissional, as ligações familiares impulsionaram ou facilitaram essa mudança.

Dos 10 que fizeram carreira somente na cidade, 8 passaram pelo *Gazeta do Oeste* na década de 1990. Dos 5 que possuem cargos de chefia, editores que são responsáveis diretos por cada edição do jornal, 3 fizeram carreira apenas em Mossoró.

A maioria daqueles que possui cargos de chefia nos jornais locais tem formação superior na área ou está em processo de formação. Esse contato maior da imprensa local com o ensino superior em jornalismo é recente.

A visão que eles têm desse contato também difere. Para os jornalistas do *Jornal De Fato*<sup>22</sup>, há um componente ético forte envolvido na formação superior em jornalismo. Esse tipo de treinamento vocacional daria aos indivíduos a capacidade de fazer julgamentos éticos no exercício da profissão.

*“eu acredito na verdade que melhora ainda mais a imprensa esses cursos, a formação. Eu acredito, você fica com outra visão do que é o jornalismo. (...) Visão no sentido de dizer assim... ser ético, que é o*

<sup>22</sup> O jornal se apresenta como o modernizador técnico e ético do jornalismo mossoroense. Dentre os entrevistados desse veículo, a idéia de ideologia do profissionalismo em seus discursos é marcante.

*que falta muito. Eu acredito, acho que é uma das maiores batalhas que a gente tem no jornalismo é a questão de ética, o comprometimento com aquilo que ele faz e a universidade ela traz isso. E mostra né, (...) “assim isso aqui tá correto, se colocar assim isso não tá”, você tem esse comprometimento de respeito.” (Fabrícia, De Fato<sup>23</sup>)*

Entrevistados de outros jornais têm uma posição diferente em relação à formação superior em jornalismo como sendo um diferencial ético que traz conseqüências políticas.

*“ética é uma coisa que você traz (...) pelo curso você passa e aprende isso e você entende como é que isso se aplica. Mas pelo fato de ter tido uma cadeira toda sobre ética não quer dizer que você vá ter a postura ética, porque isso não é coisa que se aprende. É sua postura profissional, que está diretamente ligada a sua personalidade, ao seu caráter a uma série de coisas que independe de curso não é?” (Chagas, Correio da Tarde)*

Os jornalistas no De Fato valorizam essa formação superior como um diferencial ético em seus discursos mais do que os dos outros jornais. Isso soa como uma tentativa de se distanciar da política local tão fortemente influente no cotidiano do jornalismo local.

Há preocupação com a formação e a exigência do diploma para exercer a profissão, já que na cidade não havia jornalistas diplomados na área, e uma possível decisão judicial favorável à obrigatoriedade do diploma traria problemas para os jornalistas locais.

A idéia de criação de um sindicato local, que atendesse as necessidades de Mossoró e do resto do interior do estado vinha da constatação da não participação do SindJorn nas questões locais, que aparece como fraco e apenas ligado aos jornalistas da capital, Natal.

Segundo Pedro, ex-delegado do sindicato em Mossoró, duas questões corriam em paralelo como reivindicações. A primeira é a criação de um curso de comunicação, não necessariamente universitário, que pudesse conceder a credencial necessária para o exercício profissional para aqueles que já estavam trabalhando com o registro provisionado<sup>24</sup>. A segunda é a criação de um sindicato local.

<sup>23</sup> Substituímos os nomes verdadeiros dos jornalistas por nomes fictícios.

<sup>24</sup> O Registro Provisionado era concedido aos jornalistas que não tinham curso superior, mas que pudessem comprovar que trabalhavam na área, tinha duração de dois anos podendo ser renovado.

As duas reivindicações, porém, não foram atendidas. O curso de Comunicação Social da UERN foi criado, mas os jornalistas que já atuavam no mercado ficaram desamparados. A idéia de ter um sindicato local também não foi adiante. Pedro afirma que os profissionais deixaram de lado essa questão por pressão dos patrões.

Essa é a agenda típica da profissionalização: criação de sindicato, cursos de formação para emitir credenciais exclusivas, exigência de ética na profissão como resultado desse processo. Isso entra em choque com os interesses dos empresários do setor da cidade, que são também lideranças políticas locais.

O curso de Comunicação Social foi iniciado em 2003 na UERN, quando esta tinha como reitor Walter Fonseca. Nesse mesmo período, ele também já era proprietário do *Jornal de Mossoró*, hoje *Correio da Tarde*. De acordo com Walter Fonseca<sup>25</sup>, fez parte de uma política de expansão e diversificação dos cursos oferecidos pela universidade, teria ocorrido também certa pressão de alguns jornalistas locais para entrar no curso sem passar pelo vestibular, havia uma necessidade de ter o diploma, sobretudo pela perspectiva da obrigatoriedade ser aprovada pelo STF.

Segundo a ata de criação do curso<sup>26</sup>, este era um compromisso de campanha do reitor e havia mercado para os futuros profissionais formados. Apesar da ata ter sido aprovada por unanimidade no Conselho universitário, fora dele as opiniões sobre a criação do curso não foram tão unânimes. Para Pedro, não foi feita nenhuma avaliação do mercado antes da criação do curso e o projeto não teria tido a participação de jornalistas.

O curso de Comunicação foi criado pela política de expansão da universidade implementada pelo então reitor Walter Fonseca e não a partir de uma pressão organizada de um grupo profissional.

A ata de criação do curso mostra que este era um compromisso de campanha do reitor. Não fica claro se era de campanha para reitor ou para vice-prefeito de Mossoró, já que o curso foi criado em 2003 e as eleições foram em 2004. Eleições nas quais ele foi candidato à vice-prefeito.

Em todo caso, percebemos que há uma vinculação entre a política da profissão, de criação de um curso que possibilitaria a regularização da situação dos

---

<sup>25</sup> Em entrevista concedida ao autor.

<sup>26</sup> Ata da reunião ordinária do conselho de ensino, pesquisa e extensão da UERN, realizada no dia 02 de outubro de 2002.

futuros jornalistas locais em caso de exigência do diploma para exercer a profissão, com a política convencional, no sentido de reverter a criação desse curso em apoio nas eleições municipais.

Um das principais preocupações dos jornalistas entrevistados é a necessidade de independência, autonomia. A profissão é vista como uma atividade submetida às necessidades econômicas e políticas, afetando a autonomia dos profissionais, seus princípios éticos, o que diminuiria sua capacidade normativa.

Os entraves apontados para um jornalismo mais profissional, mais autônomo, têm ligação com a questão ética. O principal fator apontado por eles é a ligação direta com as elites políticas locais, a dependência econômica dos jornais dos órgãos públicos e das elites políticas que os controlam ou que pretendem controlá-los.

Essa dependência vem da impossibilidade dos jornais se sustentarem economicamente por meio de assinaturas, dependendo assim da publicidade, na sua maior parte pública, para se manterem. Esse discurso é comum em todos os jornais. Para um empresário do setor de comunicações, que atua na imprensa local desde o início dos anos 1980, os empresários de outros setores ainda não vêem a imprensa como um investimento, mas como prestação de favores.

*“As pessoas, os empresários muitas vezes participam achando que estão ajudando um amigo porque é dono. Às vezes, eu me surpreendo, quando eu vou vender mídia e alguém diz assim ‘eu vou fazer porque sou seu amigo’, ‘olhe eu vou fazer porque eu sou amigo lá do (...), então eu vou comprar minha página, um quarto de página’. Não, não é nada disso, nós não estamos vendendo amizade ou compadrio, nós estamos vendendo produtos. Nós somos um produto que vende produto, então nós precisamos assim ser encarados, então o maior desafio dos órgãos de comunicação é ser independente, digamos assim não só do ponto de vista da sua linha editorial, mas também sobretudo da questão financeira porque o maior comprador de mídia é o governo em todas as suas esferas, então ele também se acha como que dono de todas essas mídias”  
(Osmar, Correio da Tarde)*

Há uma grande dificuldade em se separar a prática profissional do jornalismo do poder local. A forma com que os empresários e políticos se relacionam com a imprensa local, como mostrada acima, é significativa do fato de que eles não separam uma coisa da outra. A imprensa escrita mossoroense ainda não é vista pelos empresários e políticos locais como um investimento financeiro, mas político, um meio

de estabelecer ligações importantes no jogo local. Por isso, os jornais são sempre vistos como aliados ou não dos líderes políticos da cidade e não como empresas.

Os problemas econômicos enfrentados pelos jornais tornam os salários dos jornalistas baixos e não possibilitam uma boa estrutura para o desenvolvimento de suas atividades. Eles seriam obrigados a ter "bicos" para ganhar melhor, normalmente assessorias de imprensa, o que poderia prejudicar sua conduta ética.

Pode-se “servir a dois senhores”, mas desde que a credibilidade do jornal não seja afetada. Dos 17 entrevistados, 11 desenvolvem alguma outra atividade remunerada fora a do jornal, notadamente assessorias de imprensa.

*“Eu, por exemplo, sou assessor<sup>27</sup> (...) e sou editor aqui, é evidente que eu trato as questões, aliás, eu procuro nem me meter na pauta (do assunto que tem relação com sua área de assessoria) mas quando tiver um ‘pau grande’ (em relação ao lugar que ele assessoria) eu vou procurar pelo menos justificar, não vou parar a matéria mas vou procurar trazer o lado (do lugar que assessoria) como é que entra a resposta (...) entendeu? Acaba complicando, tá certo? Aí tenta-se manter um equilíbrio mas acaba complicando.”*  
(Chagas, Correio da Tarde)

Dos 11, seis trabalham com essa atividade. Para eles, é um “mal necessário”. E, para manter a conduta ética, segundo os mesmos, a assessoria não deveria ser relacionada ao mesmo tipo de assunto com o qual o jornalista trabalha no jornal. Mesmo com esse paliativo que dizem usar, essa situação influencia seu comportamento no jornal.

## **6 – Conclusão**

O que percebemos em Mossoró/RN é que as fronteiras entre a profissão de jornalista e a política local não são bem estabelecidas. Freidson (2001) aponta como ameaças a autonomia do profissionalismo as lógicas de mercado – nas quais o controle dos trabalhadores é efetuado pela escolha dos consumidores individuais - e a lógica burocrática – na qual o controle é efetuado por uma administração do tipo racional-legal. Em nosso estudo, a variável política aparece como sendo a que mais contribui para a falta de autonomia do jornalismo local.

---

<sup>27</sup> Assessor de órgão público estadual.

Nos discursos dos jornalistas entrevistados, o jornalismo mossoroense surge entre o mercado fraco e a política forte. A política tem como características básicas o domínio de uma oligarquia desde os anos 1940 que se renova internamente e que a partir do fim dos anos 1980 se divide em oposição e situação no cenário político local. Outra característica é que, como ocorreu com outras oligarquias regionais no nordeste, ela procura se modernizar para se manter no poder<sup>28</sup>.

Advogamos que a nova forma de discursos políticos voltados para a idéia de revalorização do local, como espaço de radicalização da democracia, em contraposição a uma visão que via o local como o espaço do atraso, influenciou a forma como os jornalistas locais passaram a criar discursos sobre sua prática profissional. A ideologia do profissionalismo é usada para criar uma idéia de distanciamento das elites políticas locais, elas sim possuindo ainda a imagem ligada ao clientelismo, e até mesmo coronelismo.

Nossa tese, no entanto, é de que a imprensa mossoroense, por meio de sua ligação com a elite política local, contribui na criação dessa nova imagem da política praticada pelas lideranças locais. Um dos elementos para tanto é o surgimento do discurso do profissionalismo na imprensa do município. Essa idéia de profissionalismo na imprensa local contribui na criação de uma imagem mais “democrática” da elite política local.

## 7 – Referências Bibliográficas

ABREU, A. A. Jornalistas e jornalismo econômico na transição democrática. In: ABREU, A. A.; LATTMAN – WELTMAN, F.; KORNIS, M. A. **Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção**. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2003, p, 13 – 74.

ARAÚJO, M. F. S. O enfermeiro no Programa de Saúde da Família. (2002) In: **Teoria e Pesquisa**. São Carlos, n 40-41, p. 57 – 72, Jan-jul 2002.

BONELLI, M. G. **Identidade Profissional e mercado de trabalho dos cientistas sociais: as ciências sociais nos sistema das profissões**. Campinas: UNICAMP (1993). (Tese de Doutorado).

---

<sup>28</sup> Mantendo sua imagem de promotora do desenvolvimento local.

COSTA, J. B. A. A resignificação do local: o imaginário político brasileiro pós-80. In: **São Paulo em Perspectiva**, 10 (3), p. 113 – 118, 1996.

FELIPE, J. L. A. A reinvenção do lugar: os Rosado e o “País de Mossoró”. In: **Os Rosado em Tese**. V 2. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, série “C”, v. 1230, 2001, p. 17 – 46.

FILGUEIRA, M. C. M. A trama política em torno da UERN: os Rosado – os seus interesses, o seu papel, os efeitos e as repercussões de sua prática no espaço da instituição. In: **Os Rosado em Tese**. V 2. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, série “C”, v. 1230, 2001, p. 83 – 124.

FREIDSON, E. **Professionalism: the third logic**. Cambridge: Polity Press, 2001.

GERSON, M. **Gazeta do oeste, 30 anos sem meias palavras, nem meias verdades**. Mossoró, RN: Queima Bucha, 2007.

KERBAUY, M. T. M. **A morte dos coronéis: política interiorana e poder local**. São Paulo, Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica (PUC), 1992.

LIMA, F. V. **A polis circense: poder local e espetacularização do político em Mossoró/RN**. João Pessoa/PB. Tese de Doutorado em Sociologia. UFPB, 2006.

LEAL, V. N. Indicações sobre a estrutura e o processo do “coronelismo”. In: \_\_\_\_\_ **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo, SP: Alfa-ômega, 1978, p. 19 – 57.

LUCAS, A. M. B. O mandonismo rosadista em Mossoró. In: **Os Rosado em Tese**. V 2. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, série “C”, v. 1230, 2001, p. 47 – 82.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo**. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NASCIMENTO, L. C. Jornalismo e eleições nos rincões do Brasil: um estudo sobre a cobertura do jornal O Mossoroense nas eleições municipais de 2004 em Mossoró/RN. In: **IV Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**. Porto Alegre, 2006 (CD-ROOM).

NEVES, R. J. **Vade mecum da comunicação social**. 2000, p. 94 – 144.

OLIVEIRA, F. L. (2002) Ministros do STF: profissionais versus políticos. In: **Teoria e Pesquisa**, n 40-41, São Carlos, SP: Ufscar. p. 183 – 206, Jan-jul 2002.

PETRARCA, F. R. As condições sociais da emergência do jornalismo no Brasil. In: **IV Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**. Porto Alegre, 2006. (CD-ROOM)

RODRIGUES, M. L. **Sociologia das Profissões**. Portugal: Celta (Oeiras), 2002.

SILVA, L. R. **Os Rosado encenam – estratégias e instrumentos de consolidação do mando**. Mossoró/RN: Queima Bucha, 2004.

VENUTO, A. . A Astrologia como Campo Profissional em Formação. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 761-801, 1999.